

## **Bioética e seu futuro: alguns desafios a partir de uma perspectiva latino americana**

**Leo Pessini \***

Este texto apresenta alguns desafios que a bioética tem que pela frente ao entrar na sua quarta década de existência. Nasceram a partir de reflexões que cultivamos ao longo destes últimos anos como professores e em participar de eventos, seminários e congressos, especialmente dos seis últimos congressos mundiais que participei, a saber: Argentina (1994), Estados Unidos (1996), Japão (1998); Inglaterra (2000), Brasil (2002) e Austrália (2004).

1. O modelo de análise teórica (paradigma) principialista iniciado com o Relatório Belmont e implementado por Beauchamp e Childress é uma linguagem entre outras linguagens éticas. Não é a única exclusiva. A experiência ética pode ser expressa em diferentes linguagens, paradigmas ou modelos teóricos, tais como o das virtudes e excelência, o casuístico, o contratual; o liberal autonomista, o do cuidado, o antropológico humanista, o de libertação, só para lembrar alguns. Obviamente que a convivência com esse pluralismo de modelos teóricos exige diálogo respeitoso pelas diferenças em que a tolerância é um dado imprescindível. Todos esses modelos ou linguagens estão intrinsecamente interrelacionados, mas cada um em si é incompleto e limitado. Um modelo pode lidar bem com um determinado aspecto da vida moral, mas ao mesmo tempo não com os outros. Não podemos considerá-los como sendo exclusivos, mas complementares. As dimensões morais da experiência humana não podem ser capturadas numa única abordagem. Isto não surpreende pois a amplitude e a riqueza da profundidade da experiência humana sempre estão além do alcance de qualquer sistema filosófico ou teológico. É esta humildade da sabedoria que nos deixará livres do vírus dos “ismos” que são verdades parciais que tomam uma particularidade de uma realidade como sendo o todo.

2 - Os problemas bioéticos mais importantes a nível de América Latina e Caribe são aqueles que se relacionam com a justiça, equidade e alocação de recursos na área da saúde. Em amplos setores da população ainda não chegou a alta tecnologia médica e muito menos o

---

\* Léo Pessini (Brasileiro) é Doutor em Teologia Moral / Bioética; foi membro-fundador do Conselho Nacional de Ética para a Investigação com seres humanos e um dos organizadores do VI Congresso Mundial de Bioética (Brasília, 2002); é actualmente Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética, membro do Conselho de Directores da International Association of Bioethics e editor do periódico *O Mundo da Saúde*.

tão almejado processo de emancipação dos doentes. Ainda impera via beneficência o paternalismo. Ao princípio da autonomia, tão importante na perspectiva anglo-americana, precisamos justapor o princípio da justiça, equidade e solidariedade.

A bioética elaborada no mundo desenvolvido (USA e Europa) na maioria das vezes ignorou as questões básicas que milhões de excluídos enfrentam neste continente e enfocou questões que para eles são marginais ou que simplesmente não existem. Por exemplo, fala-se muito de morrer com dignidade no mundo desenvolvido. Aqui somos impelidos a proclamar a dignidade humana que garante primeiramente um viver com dignidade e não simplesmente uma sobrevivência aviltante, antes que um morrer digno. Entre nós, a morte é precoce e injusta, ceifa milhares de vidas desde a infância, enquanto que no primeiro mundo se morre depois de se ter vivido muito e desfrutado a vida com elegância até na velhice. Um sobreviver sofrido garantiria a dignidade no adeus à vida?

3 - Característica típica de toda a região da América Latina e Caribe é a profunda religiosidade cristã católica, que hoje sofre um profundo impacto com seitas fundamentalistas via mídia eletrônica. O processo de secularização atingiu a burguesia culta, porém não a grande massa do povo. A moral dessa sociedade continua a ser fundamentalmente confessional, religiosa. Esta sociedade não conheceu o pluralismo característico da cultura norte-americana. Nasce aqui sem dúvida um desafio de diálogo, bioética-teologia, entre esta bioética secular, civil, pluralista, autônoma e racional com este universo religioso.

Edmund D. Pellegrino (EUA), um dos notáveis pioneiros da Bioética levanta três questões que a bioética terá de enfrentar no futuro. A primeira questão é como resolver a diversidade de opiniões sobre **o que é bioética e qual é o seu campo!** A segunda questão é **como relacionar os vários modelos de ética e bioética**, uns com os outros. A terceira questão é justamente **o lugar da religião e a bioética teológica nos debates públicos** sobre aborto, eutanásia, cuidado gerenciado (*managed care*) e assim por diante. Até agora, a bioética religiosa ficou na penumbra da bioética filosófica. No momento, não existe uma metodologia para lidar com a crescente polarização que convicções autênticas trazem para os debates. De alguma forma, devemos ser capazes de viver e trabalhar juntos mesmo quando nossas convicções filosóficas e religiosas a respeito do certo e do errado estejam freqüentemente em conflito e por vezes até incomensuráveis.

4 - Uma bioética pensada a nível "macro" (sociedade) precisa ser proposta como alternativa à tradição anglo-americana de uma bioética elaborada a nível "micro" (solução de casos clínicos). A bioética

sumarizada num "bios" de alta tecnologia e num "ethos" individualista (privacidade, autonomia, consentimento informado) precisa ser complementada na América Latina por um "bios" humanista e um "ethos" comunitário (solidariedade, equidade, o outro).

Uma questão chave a ser enfrentada é a **justiça na saúde e nos cuidados de saúde**. Maior esforço de pesquisa no sentido de construção da teoria bioética é necessário junto com esta questão. Maior fundamentação antropológica se faz urgente. A bioética não pode se transformar simplesmente uma espécie de "capelão na corte real da ciência", perdendo seu papel crítico em relação ao progresso técnico-científico.

5. O desafio de desenvolver um horizonte maior de sentido, uma mística para a bioética. Pode até parecer sugerir que a bioética necessite de uma mística. A bioética necessita de um horizonte de sentido, não importa o quanto estreito ou amplo que seja, para desenvolver suas reflexões e propostas. Ao mesmo tempo, não podemos fazer bioética sem optar no mundo das relações humanas. Isto em si mesmo é um indicação da necessidade de alguma forma de mística, ou de um conjunto de significados fundamentais que aceitamos e a partir dos quais cultivamos nossos idealismos, fazemos nossas opções e organizamos nossas práticas.

Não é fácil definir em poucas palavras uma mística libertadora para a bioética. Ela necessariamente incluiria a convicção da transcendência da vida que rejeita a noção de doença, sofrimento e morte como absolutos intoleráveis. Incluiria a percepção dos outros como parceiros capazes de viver a vida em solidariedade e compreendê-la e aceitá-la como um dom. Esta mística seria sem dúvida, testemunha no sentido de não deixar os interesses individuais egoístas se sobreporem e calem a voz dos outros (excluídos) e escondem suas necessidades. Esta mística proclamaria frente a todas as conquistas das ciências da vida e do cuidado da saúde que o imperativo técnico-científico, *posso fazer*, passa obrigatoriamente pelo discernimento de outro imperativo ético, *logo devo fazer*? Ainda mais, encorajaria as pessoas, grupos dos mais diferentes contextos sócio-político-econômico-culturais, a unir-se na empreitada de garantir vida digna para todos, na construção de um paradigma econômico e técnico-científico, que aceita ser guiado pelas exigências da solidariedade humana.

6 - É preciso cultivar uma sabedoria que desafie profeticamente o *imperialismo ético*, daqueles que usam a força para impor aos outros, como única verdade, sua verdade moral particular, bem como o *fundamentalismo ético* daqueles que recusam entrar num diálogo aberto e sincero com os outros, num contexto sempre mais secular e pluralista. Quem sabe, a intuição pioneira de V.R. Potter (1971) ao cunhar a bioética como sendo uma *ponte para o futuro* da humanidade, necessita ser retrabalhada neste início de novo milênio, também como

uma *ponte de diálogo multi e transcultural*, entre os diferentes povos e culturas, no qual possamos recuperar nossa tradição humanista, o sentido e respeito pela transcendência da vida na sua magnitude máxima (cósmico ecológica) e desfrutá-la como dom e conquista de forma digna e solidária.